

**Nome:** Thayná de Almeida Santos Souza      **NªUSP:** 10264720

### **Por onde anda Manoel?**

“Era de tarde, perto de quatro horas. Caminhávamos rindo lado a lado, dois apaixonados: eu, no ápice da minha juventude, de origem humilde, trabalhava desde cedo em troca de comida e moradia, negra e filha de mãe solteira; ele, Manoel, ou melhor, Manolo, como eu carinhosamente o chamava, de descendência espanhola, filho de uma família tradicional, estudante de aeronáutica. Muitos passeios, inúmeras declarações, tudo indicava que, finalmente, tinha encontrado a oportunidade para ser feliz, eu que, até então, pobrezinha, só tinha sido maltratada pela vida e por aqueles que deveriam me amar e proteger; olhava para Manolo e via ali meu ponto de paz, meu refúgio. E tudo parecia indicar ser recíproco, pois Manolo, assim como eu, estava perdidamente apaixonado e envolvido naquele amor juvenil. Todos os dias, a determinada hora, Manolo sobrevoava com um teco-teco a região onde eu morava, apenas para que o visse, e me orgulhasse dele, ele ficava todo-todo. Com o tempo, o relacionamento foi se desenvolvendo e vimos aí a oportunidade de, efetivamente, engatar um compromisso, pois, até então, tínhamos apenas um *affair*, claro, de forma respeitosa, seguindo as regras sociais da época; mas agora seria diferente, Manolo ia pedir a minha mão à minha mãe, íamos nos relacionar dentro de casa, tal como exige o figurino: Manolo passaria na minha casa no período da noite, então jantaríamos todos à mesa, depois ficaríamos na sala, nós dois, os pombinhos, no sofá conversando, sonhadores, cheios de planos, e minha mãe tricotando, mas sempre de olho em nós por cima dos óculos, pois devem ser mantidos os bons costumes. Mas não foi isso o que realmente aconteceu. Não contávamos com um empecilho: a família de Manolo, sobretudo sua mãe, e, ainda mais, o racismo e preconceito dela. Ao conversar com sua mãe, Manoel teve uma grande surpresa desagradável: a mãe dele não só não aceitou o relacionamento, como também o informou que, se ele prosseguisse com tamanha ideia absurda, ela iria tirá-lo da aeronáutica, expulsá-lo de casa, deixando-o na miséria. ‘Você só pode ter perdido a cabeça, Manoel!!! Uma menina da ralé!!! Não só preta, mas filha de mãe solteira???!! Nós somos da família Farraz Montserrát, precisa de alguém do seu nível, da sua estirpe.’. Manoel ficou arrasado, não sabia o que fazer, como prosseguir, afinal, estava dividido: e se

largasse tudo e vivesse comigo? Mas como iríamos nos sustentar? Como ele iria se sustentar? E sua carreira? Ele não podia...”

— Manoel escolheu seguir com sua carreira, não podia contrariar sua mãe desse modo. Eu fiquei arrasada, passei dias inteiros chorando dentro do quarto, sem comer, sem ver ninguém... não queria ver, nem falar com outra pessoa, meu mundo ficou devastado. Sofri durante muito tempo, mas, depois, foi passando, e é preciso viver, independente da nossa dor, o mundo seguia e eu tinha que me adaptar, com ou sem Manoel, não tinha jeito. Durante os primeiros meses, Manoel sobrevoava todos os dias a região da minha casa com o teco-teco, mas depois sua família se mudou da região. Hoje, não sei mais sobre ele, sobre sua vida, se está vivo ou não... Eu acredito que só se ama uma vez na vida, você pode conhecer outras pessoas, gostar delas, mas amar mesmo, somente uma. Nunca mais amei alguém da forma como amei Manolo. Ele foi meu primeiro e único amor, até hoje ainda me questiono “por onde anda Manoel?” — relata Célia, para sua neta de nove anos, que ouve atentamente a história de amor da avó. Célia, diferente daqueles tempos de outrora, hoje é uma senhora viúva já no auge dos seus setenta e cinco anos, e já bem longe daquela jovem sonhadora que um dia foi, no entanto, algo permanece: mesmo depois de tantos anos, quando questionada sobre se relacionar novamente, agora que está viúva, Célia afirma prontamente: “só namoraria de novo se fosse com o Manolo.”